

Lamarca: a volta do cinema brasileiro em grande estilo

Andrea Drewanz

Quase 23 anos já se passaram desde que Carlos Lamarca, um dos líderes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), foi morto numa emboscada no interior da Bahia. Metralhado com 25 tiros de FAL pelo major do exército Nilton Cerqueira, Lamarca, no entanto, ainda hoje permanece vivo como alvo de discussões. Teria sido ele um herói ou um bandido?

No filme "Lamarca - o capitão que mudou de lado", de Sergio Rezende, que ficou em cartaz durante mais de dez semanas, essa dúvida continua. Ele é apresentado como um herói incontestado, que abandona a confortável posição de oficial do Exército e a de pai de família para dedicar sua vida a uma causa coletiva.

O filme, adaptado do livro "Lamarca, o capitão da guerrilha", de Emiliano José e Oldack Miranda, trata exclusivamente da trajetória pessoal do guerrilheiro, enfocando suas preocupações sociais e políticas, deixando de lado, porém, o cenário político e histórico que envolveram o ex-capitão em sua luta contra o golpe de 64 e o regime militar. Apesar disso, o longa promete ser o melhor filme de ficção realizado no Brasil sobre o período da ditadura.

Feito em apenas nove semanas, ao custo de US\$ 1,3 milhão financiado pelo Banespa, Minc,

Riofilme e pelo governo do Espírito Santo, "Lamarca" está sendo visto como o filme que poderá reatar o casamento do público com o cinema nacional. Filmado em Ibotirama (BA) - onde o ex-militar foi morto - e em Vitória (ES), a equipe e o elenco se empenharam com dedicação para produzir um filme de nível internacional.

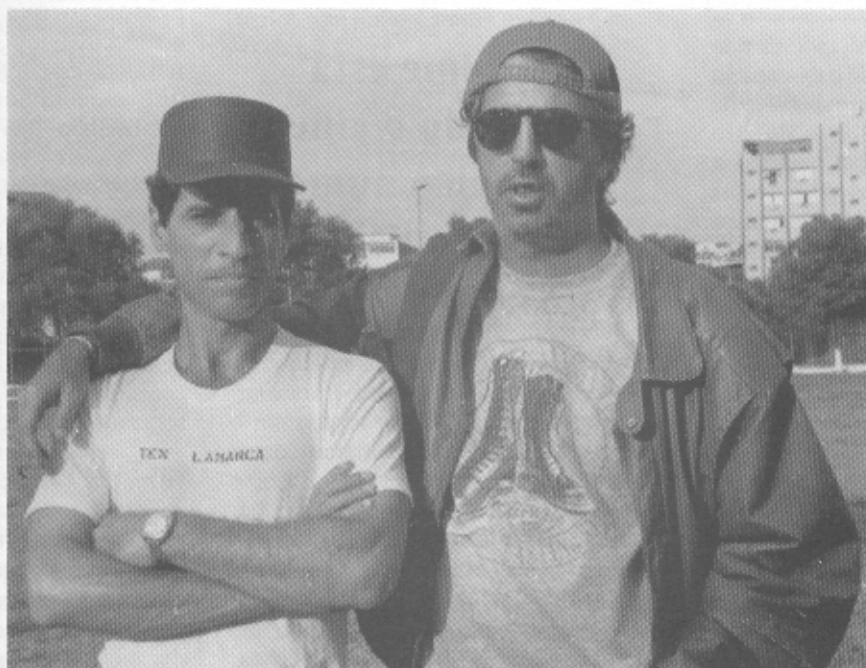
O surpreendente desempenho de Paulo Betti no papel-título é uma mostra de que os atores foram bem preparados. Para incorporar o guerrilheiro que desafiou a ditadura militar, Betti foi criterioso em todos os detalhes. Seguiu uma drástica dieta para perder 14 quilos e fez ginástica para enrijecer os músculos, com o objetivo de se aproximar do biotipo do ex-capitão. Além disso, o ator fez um estudo sobre a vida e a personalidade de Lamarca lendo livros sobre guerrilha, com destaque para "Ilha do tesouro", de Alex Polari e "Iara", de Judith Patarra, além de cartas do revolucionário à sua

mulher. Isso sem contar "Guerra e paz", de Tolstói - o livro de cabeceira de Lamarca. Para dar mais fidelidade ao papel, Betti até procurou imitar a caligrafia do militante.

A interpretação mais engajada de sua carreira, porém, coincide com um relativo distanciamento da vida política. Ao contrário dos últimos anos, quando participou ativamente de campanhas do Partido dos Trabalhadores (PT), Betti está decidido a não subir em palanque algum este ano. "Não quero limitar minha atuação como ator. Não gostaria de ficar com estigma de ator de esquerda", diz. Betti faz questão de ressaltar que não admite ver a figura de Carlos Lamarca usada em campanhas eleitorais. "Até porque não é um personagem ficcional, mas uma figura da História Nacional".

Lamarca, de fato, merecia tanto esforço do ator. Betti pesquisou, leu e sofreu horrores para encarnar um revolucionário que saiu das Forças Armadas para entrar na História. Nas filmagens, que iam de sol a sol no agreste nordestino, Betti submeteu-se a uma rotina digna de triatleta. Concluídas as cenas, ainda encontrava disposição para correr, nadar e fazer flexões.

Valeu o sacrifício. O esquelético Lamarca já no fim da vida, consumido pelo cansaço, pouco antes de ser assassinado, vale o ingresso.



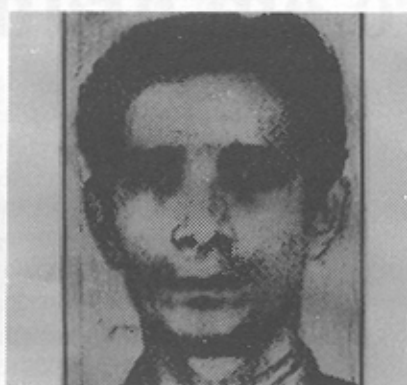
Reprodução

O ator Paulo Betti com o diretor do filme, Sergio Rezende

De militar a militante

De origem humilde, filho de sapateiro, Carlos Lamarca nasceu a 27 de outubro de 1937, no subúrbio do Rio de Janeiro. Entrou cedo para a Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, de onde seguiu para a Academia Militar de Agulhas Negras, em Resende.

Em 1959, casou-se com Maria Pavan, com quem teve um casal de filhos, Cesar e Claudia. Em 1962, Lamarca serve como segundo-tenente nas Forças da Nações Unidas, no Canal de Suez. Estes 13 meses em que permaneceu em contato com a pobreza do povo árabe, empurraram-no aos livros de Marx, e posteriormente, à deserção das Forças Armadas e à adesão à luta armada.



Reprodução

Carlos Lamarca

Dois anos depois de ser promovido a capitão, Lamarca deserta do exército para ingressar no grupo guerrilheiro Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). No mesmo dia, sua mulher e seus filhos partem em exílio

voluntário para Cuba. Ligado ao movimento VPR, Lamarca pratica várias ações terroristas - entre elas, assaltos a bancos e o sequestro do embaixador suíço no Rio. Dentro da organização envolve-se com Iara Lavelberg, também militante.

Em 1971, ele e Iara deixam a VPR e ingressam como membros do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). No dia 20 de agosto, Iara se suicida ao ser descoberta pelo exército em um esconderijo da organização. Lamarca, passa então cinco meses no sertão da Bahia, onde passa a sofrer uma implacável cassada comandada pelo major Nilton Cerqueira. A 17 de setembro de 1971, Lamarca é morto sem oferecer resistência.

A pré-estréia- Pode-se dizer que *Lamarca* foi o primeiro filme político-ideológico que Sergio Rezende dirigiu depois de "O homem da capa preta", "Doida demais" e "Até a última gota". Como existem poucos registros sobre esse delicado período da nossa História, o filme foi exibido em algumas universidades e escolas secundárias do país, antes de ser lançado oficialmente no mercado brasileiro.

Boa parte dos espectadores não tinham nem nascido quando o ex-capitão foi morto. No entanto, foi este público de alunos que lotou o auditório do Rio Datacentro na PUC-Rio para assistir à pré-estréia de "Lamarca". A julgar pelos calorosos e demorados aplausos, o público gostou do filme. Após a projeção, muitos espectadores resolveram permanecer no auditório para debater o filme com a produtora Mariza Leão, o secretário do meio ambiente, Alfredo Sirkis, o crítico de cinema José Carlos Avellar e o historiador e ex-militante do MR-8, Daniel Aarão Reis.

Sirkis, que conheceu Carlos Lamarca pessoalmente, no período em que participaram juntos do sequestro do embaixador suíço no Rio, foi quem mais falou sobre o filme. Ele ressaltou o aspecto ficcional da obra e suas implicações. Para Sirkis, Lamarca não era tão sério quanto aparenta no filme. Como típico carioca, ele era bem engraçado e tranquilo, apesar

das angústias que a clandestinidade trazia. Sirkis, que na época tinha apenas 19 anos, relatou o episódio do Reveillon de 1970 na casa (aparelho) em que o embaixador suíço estava preso e lembrou de como Lamarca, solucionou com serenidade esse momento, mesmo sabendo que estava sendo procurado e cassado em todo o Rio de Janeiro pelos agentes policiais.

"O filme está recolocando o cinema brasileiro numa posição privilegiada"

Daniel Aarão Reis, que pertenceu ao quadro dos guerrilheiros do MR-8 e também conhecia Lamarca, acredita que a figura dele representa o sonho de todos aqueles que lutaram contra o regime militar. "A revolução era o último soluço de um grande sonho", diz. Para ele, o filme peca apenas ao não conseguir contextualizar a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e a ação guerrilheira urbana. "Para mim, isso não faz falta porque eu vivi e estudei a época. Mas eu me pergunto: como entenderão o filme aquelas pessoas que não tem essa

vivência?". Essas restrições do ponto de vista histórico tem um fundamento. O filme aborda excessivamente a trajetória pessoal do guerrilheiro. "Em "Lamarca" só aparece a VPR e o MR-8 e eram 44 organizações diferentes fazendo a luta armada", diz. Mas Aarão Reis resalta um aspecto importante da obra. "Ele consegue transmitir a dor do personagem isolado, o que é fundamental para as pessoas que não conhecem os acontecimentos", admite. "A história é retratada do ponto de vista da sociedade, que mesmo lendo os jornais e se informando, não entendia direito o que estava acontecendo".

Para o crítico José Carlos Avellar, Sergio Rezende trabalha em cima dos modelos dos filmes brasileiros dos anos 60, nos quais a arte tem uma conotação política. "Acho natural que o filme traga a discussão política e social de volta às pessoas", diz. "Até porque a arte não tem compromisso de fazer com que alguém tome uma atitude".

Para Mariza Leão, produtora do filme, a repercussão do filme está deixando todos satisfeitos. Segundo ela, "Lamarca" está recolocando o cinema brasileiro numa posição privilegiada. "O objetivo do artista, diretor, ator, produtor, etc., é fazer filmes que tenham resposta da sociedade, laços com ela. E isso, felizmente, "Lamarca" está conseguindo alcançar", exulta. ■